



Revista Café com Sociologia

Volume 6, número 2, mai./jul., 2017

“FAÇA O QUE VOCÊ AMA”: uma reflexão teórica sobre o desejo e o trabalho no pós-fordismo

Breilla Valentina Barbosa Zanon

RESUMO

O processo de reestruturação pela qual passou a economia capitalista ao final do século XX refletiu sobre o mundo do trabalho. Reivindicações críticas ao modo capitalista de produção são incorporadas pelo mesmo sistema, contribuindo para a constituição de um novo espírito do capital e perfil de trabalhador, fundamentais para a organização do trabalho a partir de então. O desejo e a subjetividade dos trabalhadores passam a ser tanto produto quanto matéria-prima das agendas empresariais e o imperativo “faça o que você ama” passa a dar base para novas formas de exploração e controle do trabalho. Nossa reflexão tem como intuito partir desse novo mantra para refletir sobre a necessidade de intensificar o diálogo entre as dimensões simbólicas e materiais sobre a construção das subjetividades e sua relação com o mundo do trabalho dentro do pensamento teórico-social contemporâneo.

PALAVRAS-CHAVE: Pós-fordismo. Novo espírito do capitalismo. Subjetividade. Biopolítica.

“DO WHAT YOU LOVE”: a theoretical reflection on desire and work in the postfordism

ABSTRACT

The restructuring process which has passed the capitalist economy at the end of the twentieth century reflected on the world of work. Critical claims of the capitalist mode of production are incorporated by the same system, contributing to the creation of a new spirit of capital and a new employee profile, both fundamental to the organization of work from then on. The desire and subjectivity of workers become both the product and the raw material of business agendas and the imperative "do what you love" starts giving a basis for new forms of exploitation and control of labor. Our reflection has the intention to start from this new mantra to reflect on the need of intensifying the dialogue between the symbolic dimensions and materials on the construction of subjectivities and its relation to the world of work within the contemporary theoretical and social thought.

KEY-WORDS: Postfordism. New capitalism spirit. Subjectivity. Biopolitics.

O processo de reestruturação pela qual passou a economia capitalista ao final do século XX refletiu de maneira direta sobre o mundo do trabalho. Reivindicações que eram até então críticas ao modo capital de produção passam a ser incorporadas pelo mesmo sistema, constituindo-se naquilo que autores como Luc Boltanski e Ève Chiapello (2009) traduzem como um “novo espírito do capitalismo”, composição fundamental para a organização do mundo do trabalho a partir de então. Partindo dos resultados de pesquisa derivados de uma dissertação de mestrado e de todo um estudo reflexivo que tem como objetivo avançar nessa análise durante o doutoramento, esse trabalho tem como objetivo de contribuir com o debate teórico sobre questões relativas a modelagem de uma subjetividade coerente às relações flexíveis do mundo do trabalho pós-fordista, colocando em evidência como os discursos de motivação, em principal o “*faça o que você ama*”, trabalham em favor de mobilizar os desejos dos trabalhadores visando não só atenuar conflitos, mas concretizar objetivos e comportamentos satisfatórios à condução das dinâmicas de trabalho na atualidade.

Em meio as relações de trabalho pós-fordista, fica evidente que o desejo e a subjetividade dos trabalhadores passam a ser tanto produto quanto matéria-prima das agendas empresariais, e o imperativo “faça o que você ama” passa ser internalizado pelos trabalhadores, criando assim, bases para novas formas de exploração e controle do trabalho. Nossa reflexão tem como intuito partir desse novo mantra para refletir sobre a necessidade de intensificar o diálogo entre as dimensões simbólicas e materiais relativas à construção das subjetividades e sua relação com o mundo do trabalho dentro do pensamento teórico-social contemporâneo. O que desenvolveremos advém de análises sobre as subjetividades dos trabalhadores em um mercado de trabalho cada vez mais fragilizado e instável dentro de uma economia reestruturada, onde a acumulação de capital se dá de maneira flexibilizada e conexãoista¹.

ELEMENTOS CONTEMPORÂNEOS DE UMA TEORIA CLÁSSICA

É importante deixar claro logo de início que, de certa forma, a influência sobre a própria construção de valores e interesses do indivíduo moderno já foi inicialmente refletida por Karl Marx (2004) n *O Capital*. Em um capítulo voltado para o fetichismo da mercadoria, Marx mostra como

¹ O termo capitalismo flexível é amplamente usado por David Harvey (2012), principalmente em sua obra *Condição pós-moderna* e dialoga muito com o conceito de capitalismo conexãoista de Luc Boltanski e Ève Chiapello (2009) desenvolvido na obra *O novo espírito do capitalismo*.

a ideologia do capital se insere não só na infraestrutura das sociedades modernas, ou seja, nas próprias relações materiais de produção, mas também na construção cultural dessas sociedades, através da qual o aspecto ideológico dominante passa a estar fortemente inserido e disseminado.

Até mesmo antes dessa obra é possível encontrar referências em Marx que podem dar base a uma teoria da subjetividade a partir desse autor, especialmente em seus escritos classificados como provenientes de sua juventude. Em um dos primeiros textos jornalísticos de Marx, intitulado *Debates acerca da lei sobre o furto de madeira* (1842), originalmente veiculado pela Gazeta Renana – e cujo o intuito do editor era colocar em análise o roubo de lenha pelos camponeses a fim de incriminá-los –, o autor trava um debate em torno do sujeito jurídico e como este é dotado de especificidades que impedem seu enquadramento em uma relação de equidade tal como a prevista dentro dos ideais da revolução Francesa. Neste momento, Marx estava partindo do pressuposto de que os indivíduos são portadores de direitos instintivos, que estruturam seu habitus, seus costumes, sua subjetividade. Acaba, então, por realizar o contrário do que havia sido pedido pelo jornal. A reflexão que Marx desenvolve, de certa forma, têm uma perspectiva humanista, uma vez que leva em consideração os sujeitos acima de uma lei que tinha como intuito proteger a propriedade dos donos da terra, mas que, no entanto, passava por cima de costumes já internalizados pelos camponeses, os quais se constituíam em práticas corriqueiras principalmente na época do inverno, que era a de coletar a madeira já caída a fim de se aquecer. Em *Sobre o suicídio*, Marx também demonstra como o capital afeta a essência humana dos indivíduos para além das delimitações de classe. Outra obra que podemos tomar como referência é a *Formações econômicas pré-capitalistas*, as quais o autor trata sobre a subjetividade inorgânica inerente do ser social antes deste ser submetido a um processo de individuação por meio do desenvolvimento histórico do capital e da sociedade burguesa.

No entanto, diante de toda preponderância da estrutura e das materialidades, tais elementos se tornaram centrais no pensamento e nas análises marxistas, o que acabou por praticamente inutilizar toda perspectiva sobre o indivíduo e sua psique dentro do rol das análises que visavam construir suas críticas e observações por meio das obras do autor. No entanto, essa tendência dos estudos marxistas não legitima a crença de que Marx havia esgotado suas reflexões apenas às questões da vida material, partindo do suposto de que tais questões seriam infinitamente as mais importantes a serem levadas em consideração dentro da análise das sociedades uma vez que elas seriam fundamentalmente as únicas a incorporar sentido nas ações dos indivíduos no meio em que vive. A importância sobre o contexto e suas materialidades não deixou que Marx colocasse de lado

pontuações sobre a subjetividade humana. Essas pontuações existiram, no entanto, foram inseridas com menos evidências, nas entrelinhas, como se o momento teórico da análise social dependesse antes de toda uma exaustiva construção analítica acerca das estruturas e dos domínios que elas demarcavam sobre as ações humanas.

Por ser esse um longo e importante debate que, nesse caso, dependeria de um artigo exclusivamente voltado para suas reflexões, o que nos importa deixar evidente por hora é que, a despeito da grande maioria das análises marxistas ortodoxas, Marx (2004) ainda sim deve ser considerado um autor fundamental a ser mobilizado nessas reflexões contemporâneas, uma vez que colocou à luz problemáticas que apesar do passar do tempo, ainda são cotidianas. Por isso, esta breve passagem por algumas obras de Marx é importante para deixarmos evidente os elementos que compõem um debate teórico clássico, mas sob o qual podem ser retiradas referências para refletir o atual momento.

Nosso interesse, portanto, é trazer novos elementos para esse debate, de maneira breve e pontual, tendo como base suas reflexões, a fim de pensarmos sobre a atualidade do mundo do trabalho, levando em consideração todas as transformações que deram a nossa sociedade características muito mais específicas que as vivenciadas por Marx. Não se trata de negar ou diminuir a importância acerca da centralidade do trabalho e do plano infra estrutural investido por ele, mas avançar sobre essas dimensões para a análise teórica da construção do desejo, onde, através do mantra do empreendedorismo atual, coloca o trabalho atrelado ao afeto.

TRABALHO PÓS-FORDISTA: PARA TODO ESPÍRITO, UM CORPO COERENTE

A partir dos últimos anos da década de 60, o capitalismo passa por um momento no qual suas relações de produção e distribuição se reconfiguram. São inseridos atributos tecnológicos na produção e na organização do próprio sistema. Consequentemente, o mercado de trabalho sofre também uma reestruturação de suas dinâmicas (HARVEY, 2012). São inúmeros os autores que debruçam suas análises a respeito desse período e são também diversas suas classificações para tal momento. O que todos revelam em comum, cada qual a sua maneira, é a percepção de uma nova dinâmica da produção e das relações de trabalho.

A essa nova forma de produzir e distribuir foi dado o nome de toyotismo², o qual tem como base a inserção de novas tecnologias a partir das quais se desenvolvem práticas no sentido de dar uma maior flexibilidade às produções e transações econômicas que sofriam com a rigidez fordista concebida até então. Concomitante a essa reestruturação, vários autores passam a visualizar como a dimensão dos desejos articulados ao afeto pelo trabalho nas subjetividades de trabalhadores passa a ser incorporado pelo próprio capitalismo. Giovanni Alves (2011) pontua que:

[...] o toyotismo articula um novo tipo de operação de “captura” da subjetividade do trabalho ou uma subjetividade às avessas capaz de gerir seus novos dispositivos tecnológico-organizacionais. O espírito do toyotismo irá impulsionar na linguagem do *managing*, os apelos à administração participativa e ao “gerenciamento pós-moderno”. Como observa Haefliger, “agora, são os valores dos colaboradores, suas crenças, sua interioridade, sua personalidade que são cobiçadas” (ALVES, 2011, p. 65).

Seguindo esse mesmo sentido, David Harvey (2012) constata em suas análises que a flexibilidade está totalmente relacionada a essa nova estruturação econômica do sistema capitalista e se faz sentir aos trabalhadores. Nessa esteira, o intenso fluxo informacional junto com suas respectivas tecnologias permite que tempo e espaço sejam ressignificados e junto com eles a própria posição dos indivíduos dentro do mercado de trabalho.

O mercado de trabalho (...) passou por uma radical reestruturação. Diante da forte volatilidade do mercado, do aumento da competição e do estreitamento das margens de lucro, os patrões tiraram proveito do enfraquecimento do poder sindical e da grande quantidade de mão-de-obra excedente (desempregados ou subempregados) para impor regimes e contratos de trabalho mais flexíveis (HARVEY, 2012, p. 143).

Richard Sennett (2009) também é um dos autores que debruça seu foco sobre esse momento. De acordo com ele, as altas taxas de desemprego desse período estão relacionadas às estratégias de reengenharia promovidas pelas empresas a fim de dar conta da crise desenvolvida ao longo dos anos, consequente da rigidez do fordismo. Sob essa perspectiva, “reengenharia, em contraste, significa fazer mais com menos.” (SENNETT, 2009, 56).

No entanto, o que nos parece mais interessante nesse ponto é que nesse movimento de reestruturação, as dinâmicas de uma nova forma de acumulação capitalista ganharam força e legitimidade entre os trabalhadores ao aliar em seus discursos produtivos e organizacionais demandas advindas principalmente de reivindicações críticas em relação ao sistema capital. A

² Nota: Taiichi Ohno é considerado o criador desse sistema, o qual tem como base o modo de produção flexível *just-in-time*, que elimina a produção em grande em escala, gerando maior eficiência e menores custos para as empresas. Ono, T. *O sistema Toyota de produção: além da produção em larga escala* (1997).

agenda da reestruturação produtiva do capital passa a cooptar as reivindicações da massa, principalmente a dos trabalhadores, e as transforma em fermento para construir novos arranjos para estratégias já conhecidas. Peter Pal Pelbart (2003) descreve bem este momento, o qual Luc Boltanski e Éve Chiapello (2009) classificam como portador de um novo espírito do capitalismo:

Forjou-se assim um novo espírito do capitalismo, com ingredientes vindos do caldo de contestação ideológico, político, filosófico e existencial dos anos 60. Digamos, em linhas gerais, que as reivindicações por mais autonomia, autenticidade, criatividade, liberdade, até mesmo a crítica a rigidez da hierarquia, da burocracia, da alienação nas relações e no trabalho, foi inteiramente incorporada pelo sistema, e faz parte de uma nova normatividade que está presente nos manuais de *management* que seus executivos seguem hoje. (...) Significa que ao satisfazer em parte as reivindicações libertárias autonomistas, hedonistas, existenciais, imaginativas, o capitalismo pôde ao mesmo tempo mobilizar nos seus trabalhadores esferas antes inatingíveis. (...) A reivindicação por um trabalho mais interessante, criativo, imaginativo obrigou o capitalismo, através de uma reconfiguração técnico-científica de todo modo já em curso, a exigir dos trabalhadores uma dimensão criativa, imaginativa, lúdica, um empenho integral, uma implicação mais pessoal, uma dedicação mais efetiva até. Ou seja, a intimidade do trabalhador, sua vitalidade, sua iniciativa, sua inventividade, sua capacidade de conexão foi sendo cobrada como elemento indispensável na nova configuração produtiva (PELBART, 2003, p. 96).

Constrói-se aqui um novo perfil de trabalhador: flexível e motivado pelas conexões como forma de garantir melhores posições e liberdade dentro do trabalho. Não se trata aparentemente de uma alienação. Apesar desta existir em essência, algo de mais perverso se constitui. A própria representação e consciência sobre si e sobre seu contexto é reconfigurado de maneira a ser promovida e exaltada pelos próprios trabalhadores. Suas subjetividades são colonizadas com o objetivo de dar coerência às fragmentações e instabilidades que passam a ser submetidos a partir de então. A exploração não é mais evidente, pois as demandas por autonomia e liberdade aparecem dentro do próprio discurso capitalista como reivindicações que já foram conquistadas pelos trabalhadores por meio do trabalho flexível. O trabalhador deve se manter constantemente disposto a se renovar e isso passa a ser classificado como liberdade às práticas rígidas das fábricas e escritórios. Conflitos elementares passam a ser atenuados e justificados, uma vez que tais problemáticas passam a ser interpretadas como consequências normais dentro do processo de se “fazer aquilo que ama”.

SUBJETIVIDADES MODELADAS: AS FALÁCIAS NA CONSTRUÇÃO DOS DESEJOS

Charles Fourier (1772-1837) foi um dos primeiros pensadores a salientar a orientação passional presente no trabalho. Considerado também como um filósofo e um dos precursores do socialismo utópico, Fourier apresenta em sua obra *Le nouveau monde industriel et sociétaire* o que

para ele seria a ideia das falanges e dos falanstérios. As falanges corresponderiam “a pequenas unidades sociais com populações de cerca de 1500 habitantes, e cada uma possuiria um edifício comum chamado Falanstério no qual todos viveriam harmoniosamente” (BARROS, 2011, p. 246).

Para Fourier, a ideia sobre trabalho e educação dentro dos falanstérios deveria se fundamentar dentro da teoria da atração passional. Trata-se de uma crítica ao trabalho industrial, tido para ele como repugnante uma vez que é “negativo de tudo o que idealiza como trabalho atraente e conforme aos gostos, às paixões, às inclinações dos indivíduos e de seus grupos (ALBORNOZ, p. 16). Um dos traços mais importantes e interessantes trazido por Fourier no que tange à atração pelo trabalho é que este estaria condicionado à superação das relações de submissão e dominação. Dessa forma, a paixão pelo trabalho se daria apenas se tais relações estivessem rompidas. Em suas palavras:

Todo comando arbitrário é humilhante para aquele que obedece. O indivíduo em harmonia somente é comandado por disciplina convencionada, coletiva, e consentida apaixonadamente; neste caso, nada há de arbitrário na ordem dada, nada de ofensivo na obediência; enquanto que o método civilizado ou regime de domesticidade individual e assalariada cria sempre uma discórdia dupla, freqüentemente quádrupla, lá onde o método societário produz duplo ou quádruplo charme, elos e acordos de toda espécie (FOURIER, 1973, p. 299).

A crítica à sociedade industrial de Fourier equivaleria hoje às reivindicações dos trabalhadores, mas que, no entanto, agora foram incorporadas pelos capitalistas dentro dos discursos motivacionais que se baseiam no amor ao trabalho.

Fourier considerava que a educação seria um catalizador, essencial para promover desde a mais tenra idade a paixão e consecutiva potencialidade em relação às atividades produtivas desse indivíduo (ALBORNOZ, p.21-22). Assim como a atração passional pelo trabalho apresentada por Fourier, do ponto de vista crítico de nossa sociedade atual, Félix Guattari (1985) também afirma que essa modelagem pela qual passam as subjetividades se daria desde os primeiros anos de idade do indivíduo por meio de máquinas capitalísticas como as instituições, meios de comunicação e demais semiotizações, e teria como intuito introjetar na mente e no comportamento desses indivíduos desejos que estejam alinhados aos interesses capitalistas. O próprio modelo de educação, desde as creches, é considerado por Guattari (1985) como contribuintes para essa modelação da subjetividade, que pode ser entendido no decorrer de sua obra como um tipo de dominação dos desejos para fins específicos do capital. Diferente da concepção de Fourier (1973) proveniente do século XIX, a atração de outrora é interpretada por Guattari (1985) como sujeição das subjetividades dos trabalhadores e sendo assim; o ideal do amor pelo trabalho que para Fourier

V. 6, n. 2. p. 191-210, mai./jul. 2017.

(1973) seria as bases de um socialismo utópico, para Guattari (1985) guarda o que há de mais perverso das estratégias de exploração dos trabalhadores nas sociedades ditas pós-modernas. No entanto, é no *Anti-Édipo*, junto à Gilles Deleuze (2011), que ambos levantam uma questão fundamental, a qual serve de fundamento para pensarmos a mobilização do amor ao trabalho nas condições atuais: “como explicar que o desejo se dedique à operações que não são desconhecimentos, mas investimentos inconscientes perfeitamente reacionários?” (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 341).

Em linhas gerais, as dimensões pontuadas por Fourier relacionam-se diretamente com aquilo que Deleuze e Guattari, debateram intensivamente na maioria de suas obras: a construção das subjetividades dos indivíduos por parte do capital. Tais autores são, portanto, fundamentais nesse debate, uma que em quase todas suas análises, sejam elas em separado ou em conjunto, eles se referem sobre a modelagem pela qual passaram as subjetividades dos indivíduos em meio a sociedade capitalista.

O sujeito, segundo toda uma tradição da filosofia e das ciências humanas, é algo que encontramos como um “être-là”, algo do domínio de uma suposta natureza humana. Proponho, ao contrário, a idéia de uma subjetividade de natureza industrial, maquinica, ou seja, essencialmente fabricada, modelada, recebida, consumida (GUATTARI, 1996, p. 25).

Harvey (2012) também visualiza a importância da manipulação do capital em favor a um comportamento coerente para sua nova estrutura, e a define como modo de regulamentação.

Um sistema particular de acumulação pode existir porque “seu esquema de reprodução é coerente”. O problema, no entanto, é fazer os comportamentos de todo tipo de indivíduos [...] assumirem alguma modalidade de configuração que mantenha o regime de acumulação funcionando. Tem de haver, portanto, uma materialização do regime de acumulação, que toma a forma de normas, hábitos, leis, redes de regulamentação etc. que garantam a unidade do processo, isto é, a consistência apropriada entre comportamentos individuais e o esquema de reprodução. Esse corpo de regras e processos sociais interiorizados tem o nome de modo de regulamentação (HARVEY, 2012, p. 217).

Como analista das grandes movimentações acontecidas na França em maio de 1968, Guattari (1985) observou que as práticas capitalistas provenientes após esse período internalizaram em suas dinâmicas a necessidade de lidar com motivações fragmentárias, referentes a grupos e singularidades que não mais se conduziam de maneira massificada. No entanto, o autor não acredita que tais problematizações capazes de levar grandes massas a se mobilizarem – como ocorriam no caso do movimento operário – haviam desaparecido, mas haviam se individualizado, fragmentado, referenciando diversos grupos e suas reivindicações específicas. De acordo com ele “o capitalismo

não só explora a força de trabalho da classe operária como também manipula em seu proveito as relações de produção, insinuando-se na economia desejante dos explorados” (GUATTARI, 1985, p. 20). Dessa forma, em complemento ao que foi pontuado por Harvey (2012), a captação de desejos pela essência de objetivos do capital seria portanto a forma pela qual se regulamentaria o funcionamento da acumulação em meio a um ambiente tão fragmentado.

O servomecanismo maquínico não coincide com a alienação social. Enquanto a alienação engaja pessoas globais, representações subjetivas facilmente manipuláveis, o servomecanismo maquínico agencia elementos infrapessoais, infra-sociais, em razão de uma economia molecular de desejo, muito mais fácil de se “segurar” no seio das relações sociais estratificadas. Conseguindo assim colocar diretamente no trabalho funções perceptivas, afetos, comportamentos inconscientes, o capitalismo toma posse de uma força de trabalho e de desejo que ultrapassa consideravelmente a das classes operárias no sentido sociológico. Nestas condições, as relações de classe tendem a evoluir diferentemente. Elas são menos bipolarizadas, tendem cada vez mais a engajar estratégias complexas (GUATTARI, 1985, p. 206-207).

UM DISCURSO CONVENIENTE NA PRÁTICA

Como vemos, tanto pela estrutura que constrói quanto pelos sentidos que coloca em jogo, é necessário à essa nova configuração um novo modelo de trabalhadores, mais flexíveis e dinâmicos para darem conta da estagnação e retrocesso implementado pelas formas rígidas de produção. No entanto, como o discurso do “faça o que você ama” é colocado em prática pelas empresas?

O campo de debate sobre esse tema se encontra em ascensão dentro da sociologia contemporânea. No entanto, o recorte teórico específico sobre o discurso do amor em meio ao trabalho ainda é muito incipiente, apesar de já existirem diversas produções sobre a subjetividade do trabalhador e a sua relação com as transformações trazidas pela reestruturação produtiva e suas práticas³. Assim, é interessante analisarmos um breve vídeo⁴, veiculado pelo site da revista *Pequenas empresas grandes negócios* que sintetiza o espírito que paira sobre a personalidade dos trabalhadores pós-fordistas. Nesse vídeo existe uma clara contraposição entre as formas de trabalho rígidas de outrora e a maneira pela qual o mundo do trabalho se tornou hoje, muito mais vinculado aos desejos e sonhos do que aos deveres impostos pelas estruturas antigas. Além desse exemplo, vários sites e

³ Entre esses autores, é possível encontrar um amplo debate sobre subjetividade e trabalho nas obras de Linhart (2013), Castells (2012), Zarifian (2002), Barbosa (2011).

⁴ Vídeo disponível em: <http://movimentoempreenda.revistapegn.globo.com/video/2013/05/faca-o-que-voce-ama-068.html>. Acesso em: 16 dez. 2014.

blogs ligados aos assuntos de empreendedorismo exaltam esse discurso⁵. Em um deles, chamado *Jornal do empreendedor*, o autor do artigo pontua vários motivos pelos quais algumas pessoas amam o que fazem. Trazemos aqui um deles que deixa evidente não só a mobilização dos interesses e desejos dentro dessa nova estrutura de mercado de trabalho, como também impõe a flexibilidade como uma qualidade a ser mantida:

Porque eles saem de uma empresa, se amam o que fazem? Bem, justamente por amar o que faz, este tipo de pessoa não deixa que uma organização tenha o monopólio sobre seu “combustível”. Uma vez que o trabalho não lhe seja mais satisfatório, geralmente por questões beneficiárias, eles não hesitam em partir para outra. Gostaria de dizer que isso não é pessoal, mas a verdade é que isso é extremamente pessoal. Não teria como não ser. Estamos falando de alguém que trabalha com aquilo que o motiva para a vida. Seu trabalho passa a ser parte essencial daquilo que esta pessoa é (PEACE, 2012)⁶.

Todos esses elementos nos mostram que estamos lidando com novos esquemas de significação pertinentes ao momento atual do mundo do trabalho (SAHLINS, 2011). A própria essência dessas novas dinâmicas de trabalho é acompanhada de uma cultura produzida a partir das relações sociais conduzidas dentro do cotidiano capitalista, instituindo valores e moldando subjetividades. Essa nova ordem cultural capitalista, portadora de um esquema simbólico que agrega significado a esses novos perfis de trabalho e do trabalhador, configura também uma nova ordem de interpretação objetiva a respeito das dimensões de mundo a ela relacionado, importante para a reprodução tanto material, quanto simbólica das engrenagens capitalistas.

Michel Foucault (2008), em o *Nascimento da Biopolítica*, já havia observado o quanto esse novo momento econômico, sobretudo neoliberal, constrói sua legitimidade na tendência de incorporar as externalidades econômicas da sociedade dentro da grade econômica, sob a categoria do capital humano e junto a elas dar um melhor significado às conduções políticas e filosóficas do capital. Essa análise tinha como objetivo observar o surgimento de uma nova racionalidade tanto de mercado quanto de governo as quais refletiam como estatutos de verdade sob a sociedade atual⁷.

Nessa mesma perspectiva, outros autores passaram a construir suas análises a fim de deixar evidente em que medida o novo espírito capitalista, imbuído de toda essa essência biopolítica, lida

⁵ Os principais sites consultados durante a pesquisa de mestrado e que também são referência no atual momento das análises são o Deskmag (disponível em: <http://www.deskmag.com>) e New Worker (disponível em: <http://www.newworker.co>), ambos especializados nos novos modelos de trabalho flexível, em especial o coworking, o freelancer e o homeoffice.

⁶ Disponível em: <<http://www.jornaldoempreendedor.com.br/destaques/10-motivos-porque-algumas-pessoas-amam-o-que-fazem#.VJGARSvF-So>> Acesso em: 16 dez. 2014.

⁷ Apesar de Foucault (1989) não fazer referência à Max Weber nesta obra, os conceitos de racionalidade e legitimidade correspondem ao entendimento weberiano: legitimidade se relaciona com uma determinada ordem ou vigência em questão que por sua vez se constrói mediante interpretações dos sujeitos acerca da realidade.

com a subjetividade dos indivíduos em favor de um novo modelo de trabalho. Tanto a precariedade resultante das fragilizações e desregulamentação das condições de trabalho no contexto pós-fordista (STANDING, 2013), quanto as assimetrias dentro desse processo são adocicadas. Essa docilidade é resultado das próprias estratégias veiculadas por esse novo espírito que envolve um novo perfil de trabalhador. Ao introduzir um novo sistema de significações entre as relações dos indivíduos no campo do trabalho, introduz também uma ideologia que se apropria do caráter crítico voltado à rigidez e das reivindicações por autonomia, para reformá-las e transformá-las em um comportamento produtivo e conveniente às novas práticas capitalistas (BOLTANSKI; CHIAPELLO, 2009).

É nessa atmosfera que o lema “faça o que você ama” tem ganhado cada vez mais espaço nos discursos de motivação institucionais e adeptos entre os trabalhadores. Juntamente com a exaltação da flexibilidade e suas conseqüentes dinâmicas de trabalho remoto como os *home offices*⁸, o “faça o que você ama” cria a falsa sensação de que o trabalhador tem seu desejo mobilizado, pois agora detém uma autonomia jamais antes conquistada por sua classe. Essa sensação é tanta que a sua própria identificação quanto trabalhador se diluiu, uma vez que agora ele está fazendo algo envolvido pelo prazer, a hora e aonde quiser. Assim como salienta Sennett (2009) ”em nossa época, porém a nova economia política trai esse desejo pessoal de liberdade. A repulsa à rotina burocrática e a busca da flexibilidade produziram novas estruturas de poder e controle, em vez de criarem condições que nos libertam”. (SENNETT, 2009, p. 54)

Steve Jobs⁹ foi um dos mais conhecidos disseminadores dessa máxima. O amor aliado ao trabalho era o que dava tom a seus discursos. O mais conhecido desses discursos foi realizado durante uma cerimônia de formatura da Universidade de Standford nos Estados Unidos¹⁰. Em um dos trechos, ele salienta:

Seu trabalho vai preencher uma parte grande da sua vida, e a única maneira de ficar realmente satisfeito é fazer o que você acredita ser um ótimo trabalho. E a única maneira de fazer um excelente trabalho é amar o que você faz.

Se você ainda não encontrou o que é, continue procurando. Não sossegue. Assim como todos os assuntos do coração, você saberá quando encontrar. E, como em qualquer grande

⁸ *Home-office* é o conceito reformulado e mais moderno para teletrabalho, que aparece nas cartilhas empresariais a partir dos anos 90 “onde os trabalhadores formam equipes e trabalham, individualmente ou em grupo, em espaços diferentes, podendo ser dentro ou fora dos escritórios de suas empresas” (SILVA, 2009, p. 87)

⁹ Steve Jobs foi co-fundador da Apple Computers, juntamente com Steve Wozniak. Sob a liderança de Jobs, a empresa foi pioneira em uma série de tecnologias revolucionárias, incluindo o iPhone e o iPad. Biografia disponível em: < <http://www.biography.com/people/steve-jobs-9354805> >. Acesso em: 16 dez. 2014.

¹⁰ Discurso disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=s9E6XfJPAMM> >. Acesso em: 16 dez. 2014.

relacionamento, só fica melhor e melhor à medida que os anos passam. Então continue procurando até você achar. Não sossegue. (JOBS, 2005)

Assim como toda sua história na fundação de uma das maiores empresas de tecnologia informacional na atualidade, Jobs é considerado um modelo bem sucedido a ser seguido e, baseando-se no seu amor e na resiliência em meio a condução de sua história profissional, inúmeros jovens trabalhadores passaram a espelhar suas carreiras. No entanto, podemos ver que a mesma motivação impressa no discurso de Jobs é também veiculada pelos discursos e agendas de empresas que se baseiam nas ideias de um sistema de acumulação flexível.

Os autores dos anos 90, assim como seus predecessores, põem a questão do controle no âmago de suas preocupações. Um de seus problemas principais é o de controlar a "empresa liberada" (segundo expressão de Tom Peters, 1993 ©), feita de equipes autogeridas e trabalhando em rede, sem unidade de tempo nem de lugar. Não existe uma infinidade de soluções para "controlar o incontrolável": a única solução é, de fato, que as pessoas se autocontrolem - o que consiste em deslocar a coerção externa dos dispositivos organizacionais para a interioridade das pessoas -, e que as forças de controle por elas exercidas sejam coerentes com um projeto geral da empresa (Chiapello, 1996, 1997). Isso explica a importância atribuída a noções como "envolvimento do pessoal" ou de "motivações intrínsecas", que são motivações ligadas ao desejo e ao prazer de realizar o trabalho, e não a um sistema qualquer de punições-recompensas impingido de fora para dentro' só capaz de gerar "motivações extrínsecas". Aliás, os autores dos anos 90 desconfiam da palavra "motivação", que conota uma forma de controle que eles se esforçam por rejeitar, dando preferência à palavra "mobilização", que remete à tentativa de motivação que supostamente evita qualquer manipulação" (BOLTANSKI; CHIAPELLO, 2009, p. 110).

A partir do exposto até então, pudemos ver de maneira evidente a semelhança que existe entre as reivindicações dos trabalhadores e o que passa a ser implementado pelas empresas como um perfil de trabalhador ideal. No entanto, seja institucionalmente ou de maneira autônoma, a essência desse novo espírito capitalista que cada vez mais demanda pela mobilização da subjetividade e do afeto do trabalhador, se faz presente dentro das relações de trabalho flexíveis, refletindo-se especialmente por meio de discursos motivacionais que atrelam o desenvolvimento profissional ao sucesso pessoal, como se o fato de se perseguir a todo custo o êxito no trabalho – independente da produtividade estafante, de toda exploração velada e da instabilidade que circunscrevem esses modelos flexíveis – fosse a meta e o sentido da própria vida do trabalhador.

TRABALHADOR E FLEXIBILIDADE: não era amor

Bárbara Castro, doutora em Ciências Sociais pela Universidade de Campinas – UNICAMP, traz uma reflexão sobre esse tema em uma entrevista conduzida pelo blog *Contente*¹¹. Castro salienta que o discurso do “faça o que você ama” não só cria uma ilusão por parte do trabalhador e o faz perder a noção sobre a subordinação e exploração pela qual passa, mas também desenvolve uma ansiedade por aqueles que se sentem oprimidos pelo seu trabalho, mas não encontram perspectivas de mudança. Para ela, trabalhar com o que se ama decorre muito mais de oportunidades privilegiadas do que um simples desejo. Trata-se de um discurso de felicidade, glamourizado, baseado em ideias individualistas de consumo, que ao nosso ver trata-se principalmente de um consumo simbólico, que não condiz com a realidade da maioria dos trabalhadores.

[...] os discursos de ame o que você faz são glamourizados e escondem que as pessoas reais nem sempre vão conseguir ter o trabalho dos sonhos. Ou abrir a start up que vai dar dinheiro e pagar suas contas. E esses modelos não contam que não conseguir tudo isso não é, necessariamente, culpa delas. A gente não pode nunca se esquecer de que não existe lugar pra todo mundo no alto do pódio do jeito que a nossa sociedade está organizada. Enquanto existir desigualdade social, não dá pra sair por aí vendendo felicidade baseada no trabalho e no consumo como conquista individual. Por isso, sim, apesar de disseminado, eu acho que esse discurso é tão concentrado quanto a renda (e aí, lembre-se de que a renda média do brasileiro gira em torno de R\$ 1.500, sim, provavelmente menos do que muita gente que propaga esse discurso como possibilidade universal gasta em aluguel) (CASTRO, 2014).

Apesar de não haver nem um artigo acadêmico no qual Castro expõe cientificamente esse problema, a entrevista da autora nos auxilia a pensar o momento atual do trabalho e como a partir dele, empresas vem criando novas estratégias para a manutenção de suas atividades livre de reivindicações trabalhistas.

E o que o empregador ganha se valendo do mesmo tema? Existe uma estratégia das empresas para tornar essa idéia tão fluida que ninguém percebe que pode ser uma armadilha?

Com certeza ganham muito. Além da docilização dos conflitos, ganham o tempo extra de trabalho não remunerado (quem é que trabalha menos de 10 horas por dia no setor privado hoje?), ganham porque fazem equipes pequenas trabalhar exaustivamente quando poderiam ter equipes maiores trabalhando pelo mesmo resultado por menos tempo, ganham porque os benefícios que oferecem, como um ambiente bonito, umas almofadas em um canto, ou uma mesa de sinuca, custam menos do que as horas extras que ele

¹¹ Essa entrevista trata-se de uns dos únicos debates crítico empreendidos dentro do campo da sociologia no atual momento. Toda entrevista disponível em: <http://contente.vc/blog/a-armadilha-do-faca-o-que-voce-ama/>. Acesso em: 16 dez. 2014.

deveriam pagar. E ganham porque com tantas microempresas prestando serviço, conseguem pagar valores baixos pelo produto que precisam.¹²

Esses dois trechos são os mais fundamentais para nós nesse momento. A partir deles podemos deixar evidente várias dimensões problemáticas nesse discurso. Como já observamos, o “faça o que você ama” não só esconde a exploração em cima dos trabalhadores como os colocam para trabalhar em favor desse discurso. Seus desejos são orientados para a conquista de uma felicidade e satisfação dentro do próprio âmbito do trabalho, uma vez que, seguindo esse imperativo o indivíduo não estaria mais trabalhando, e sim vivenciando e produzindo algo que está diretamente ligado ao seu prazer e felicidade. Além disso, fica evidente que esse discurso esconde as assimetrias relativas as capacidades e oportunidades de classe em realizar esse imperativo.

O discurso do “faça o que você ama” traz em si a própria busca pela liberdade, autonomia e satisfação individual. O que nos interessa é salientar como tais valores e reivindicações são usadas de maneira arbitrária, porém muito conveniente pelas novas estruturas de trabalho no capitalismo. Assim, o amor ao trabalho tem como objetivo colocar o indivíduo trabalhador como protagonista, produtor autônomo de seu desejo e, portanto, de dono daquilo que produz. Porém, Deleuze e Guattari (2011) afirmam que dentro do contexto do capitalismo pós-moderno, a distinção entre produção, distribuição e consumo não passaria de uma falsa consciência a respeito do conjunto de todo o processo. Por isso, segundo a perspectiva desses autores, a produção já seria o próprio consumo dos interesses, padrões e valores internalizados, uma vez emitidos pelas máquinas semióticas do capitalismo. Consequentemente, o consumo determina diretamente a produção, já que está inserido nela.

Com efeito, como vimos, o capitalismo tem realmente por limite os fluxos descodificados da produção desejante, os quais ele não para de repelir, ligando-os numa axiomática que toma o lugar dos códigos. O capitalismo é inseparável do movimento da desterritorialização, mas ele esconjura esse movimento através de reterritorializações factícias e artificiais (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 399).

O pensamento de Deleuze e Guattari nos faz refletir sobre a necessidade de encarar a sociedade pós-fordista como do consumo não somente material, mas simbólico, cultural. Trata-se de uma sociedade imbuída por um sistema que determina valores a serem consumidos, internalizados que, por sua vez, servem para estabelecer e fortalecer um processo de produção coerente e menos conflituoso.

¹² Idem.

V. 6, n. 2. p. 191-210, mai./jul. 2017.

Mas tudo é objetivo ou subjetivo – tanto faz. A distinção não está aí; a distinção a ser feita passa pela própria infraestrutura econômica e seus investimentos. A economia libidinal não é menos objetiva do que a economia política, e a política não é menos subjetiva do que a libidinal, se bem que ambas correspondem a dois diferentes modos de investimento da mesma realidade social. Há um investimento libidinal inconsciente de desejo que não coincide necessariamente com os investimentos pré-conscientes de interesse, e que explica como estes podem ser perturbados, pervertidos na “mais sombria organização”, sob qualquer ideologia (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 458).

Partindo dessa constatação, vários autores já pontuaram teorias inteiras em cima daquilo que acreditavam ser o uso do ideal de liberdade como controle social. O interessante é que esse ideal, assim como já observou Hebert Marcuse (1969), é mobilizado de acordo com a etapa de desenvolvimento histórico em que se encontra cada sociedade¹³. Nessa perspectiva, Marcuse se alinha ao que posteriormente Sahlins (2011, p. 7) classificaria como “esquemas de significação” que dão ordenamento aos fatos históricos. Ambas as dimensões, tanto a conduzida por Marcuse (1969) e por Sahlins (2011) corroboram como o que Harvey (2012), Deleuze e Guattari (1985; 2011) e Boltanski e Chiapello (2009) já nos permitiram elucidar anteriormente, ou seja, a necessidade de um espírito ordenado sob comportamentos, desejos e interesses que dão sentido, coerência e funcionalidade às formas objetivas de reprodução do capital. Esse novo espírito não é mais compreendido como alienante por parte dos por parte dos trabalhadores, uma vez que se tem a sensação de que se trata da mobilização de seu mais genuíno desejo, pois, nas suas perspectivas, algo que considera os seus desejos não pode ser algo que esteja tolhendo sua liberdade em relação a sua realidade, pelo contrário, seria para ele uma forma de estar ganhando mais autonomia acerca de seu destino.

CONCLUSÃO: o desejo e o simbólico como biopolítica na dimensão do trabalho pós-moderno

A perversidade que se impõe a partir desse novo sistema de significação que acaba por mobilizar o afeto e não a crítica em relação às estratégias de dominação e controle foi intensamente debatida por Michel Foucault (2008) sob a categoria da biopolítica, como já havíamos pontuado anteriormente. Em o *Nascimento da Biopolítica*, o autor apontava a transição de uma sociedade disciplinar para uma sociedade do controle, sendo que seu interesse por essas novas estratégias de

¹³ Para Marcuse (1969, p. 106) em sua obra *Teoria das pulsões e liberdade*: “liberdade é uma forma de autoridade, aquela em que, com efeito, os meios pré-existentes satisfazem as necessidades do indivíduo com um mínimo de desprazer e de frustração.”

controle já vinha sendo construído em suas obras anteriores¹⁴. Buscando um fundamento histórico, Foucault (2008) observa que essas novas estratégias diferem da forma da Idade Média, onde o soberano exerce seu papel paterno em relação aos súditos, estabelecendo limites morais, divinos e naturais a serem respeitados. As estratégias atuais correspondem a uma nova racionalidade governamental moderna, o qual não se concretiza a partir de leis homogêneas nem intrínsecas ao Estado e critica o excesso de governo. Assim como o que sugere a mensagem trazida por esse texto, o novo momento das formas de controle não toma para si próprio a autoridade e a moralidade da gestão. A despeito disso, trata-se, portanto, de uma autolimitação, não de um poder capaz de causar a morte dos súditos ou deixá-los viver, mas de “um poder que gera a vida e a faz se ordenar em função de seus reclamos” (FOUCAULT, 1988, p. 128). Dito de outra maneira, o mercado capitalista a partir do século XVIII configura-se com um elemento que constitui a baliza da razão e da verdade em meio às relações sociais. Assim, diferente das práticas e efeitos governamentais de até então – os quais se baseavam em uma razão soberana que buscava o controle da sociedade por meio de estratégias definidas de policiamento e punição – a nova razão governamental que rege as dinâmicas neoliberais parte do princípio de liberdade e de implementação da vida dos indivíduos em sociedade.

A dimensão do discurso do “faça o que você ama” baseadas nas observações de Deleuze e Guattari (2011) vai ao encontro das considerações de Foucault (2008) acerca da biopolítica, onde ela

[...] se caracteriza, creio eu, pela instauração de mecanismos a um só tempo internos, numerosos e complexos, mas que têm por função [...] não tanto assegurar o crescimento do Estado em força, riqueza e poder, [o] crescimento indefinido do Estado, mas sim limitar do interior o exercício do poder de governar. [...] é uma razão que funciona com base no interesse. [...] Agora, o interesse a cujo o princípio governamental a cujo princípio a razão governamental deve obedecer são interesses, é um jogo complexo entre os interesses individuais e coletivos, a utilidade social e o benefício econômico, entre o equilíbrio do mercado e o regime do poder público, é um jogo complexo entre direitos fundamentais e independência dos governados. O governo, em todo caso o governo nessa nova razão governamental, é algo que manipula interesses (FOUCAULT, 2008, p. 39-61).

O que fizemos aqui não teve como intuito tirar o potencial revolucionário dos trabalhadores em meio ao sistema capitalista. O próprio Foucault (2008), ao concentrar-se sobre o tema da biopolítica, considera que esse elemento parte de um biopoder, ou seja, um poder relacionado à

¹⁴ Nota: é possível ver referências a esse debate em obras como *Microfísica do poder* (1979), *A vontade de saber* (1976), *Em defesa da sociedade* (1975-1976), *Segurança, território e população* (1977-1978).

vida o qual pode derivar tanto em dominações perversas tal qual vimos ou em potências revolucionárias. Assim, ao mesmo tempo em que se constituem as artimanhas biopolíticas a partir dos interesses e subjetividades desses indivíduos é também possível evidenciar a parcela de biopotência que também está inserida nesses contextos onde a disputa se dá pela dominação e manipulação dos desejos. Como salienta Guattari (1985) em avanço do que havia sido exposto por Foucault (2008), a potência revolucionária ainda existe, mas assim como as formas de manipulação que se inserem dentro das subjetividades e modelam desejos, essa potência necessita também ativar de maneira transversal as múltiplas construções envolvidas a seu respeito. Por isso, para o autor “é a partir do acúmulo de lutas parciais – e esse termo já é um equívoco, pois elas não são parte de um todo já constituído – que poderiam desencadear-se lutas coletivas de grande envergadura.” (GUATTARI, 1985, p. 176).

No entanto, o foco de nossa reflexão se deu sobre as novas formas de conduzir a docilidade dos trabalhadores em meio a uma sociedade que legitima cada vez mais o discurso acerca das autonomias individuais e coletivas, e mostrar como tais formas se valem não apenas das materialidades dispostas aos indivíduos, mas também da dimensão simbólica que os discursos suscitam na subjetividade dos trabalhadores através de seus vieses de afeto e prazer como liberdade. Assim como Guattari (1996) pontua, entendemos que

[...] as problemáticas da subjetividade vão se colocar em termos totalmente diferentes daqueles do marxismo. Para o marxismo, as questões do desejo, da arte, da religião, da produção das idéias, etc. são do domínio de uma superestrutura, que depende dialeticamente das infra-estruturas produtivas. Mas a partir do momento em que é exatamente no seio dessas infra-estruturas produtivas que se encontra, e cada vez com maior importância, a produção de subjetividade, é impossível manter a oposição infra versus superestrutura. É impossível nos restringirmos a uma leitura da economia política para compreender e questionar o CMI¹⁵ (GUATTARI, 1996, p. 139).

No entanto, como pontuamos logo de início, a diferenciação de problemáticas citada por Guattari (1996) nesse trecho se deve mais em referência ao marxismo do que as obras do próprio Marx. Sendo assim, quando nos propomos a pensar sobre a interferência do simbólico no material, não estamos excluindo o contrário, muito menos as teorias que centralizam a materialidade no plano de suas ideias. Nosso trabalho teve como intuito pensar sobre o plano simbólico que o capital insere no âmbito dos desejos e como tal plano é capaz de incorporar significados nas materialidades vividas pelos indivíduos a fim de reforçar tanto a dimensão subjetiva quanto objetiva dão significado às suas conduções antagônicas. Por isso, não propomos a resolução de um engodo, mas a

¹⁵ Guattari (1985, p. 211) usa o termo CMI como abreviação para Capitalismo Mundial Integrado. *V. 6, n. 2. p. 191-210, mai./jul. 2017.*

intensificação sobre a importância de trazer mais elementos para a arena desse debate. Trata-se de levar em conta o fluxo de informação presente em nossa sociedade, e como tal, considerar a presença de valores que, mesmo sendo veiculados pela esfera do consumo e sua materialidade, são em grande parte valores simbólicos que passam a ser adquiridos por parte dos indivíduos como algo pertencente as suas identidades em sociedade. Dessa forma, ter a possibilidade de vivenciar uma identidade baseada em desejos modelados – ou seja, dotada do desejo e em busca da experiência, mas nem sempre da substância – garantem a regulação das subjetividades em uma sociedade fragmentada e permeada de assimetrias. Nessa perspectiva, entendemos que o discurso do “faça o que você ama” é ao mesmo inerente tanto do consumo simbólico, quanto do consumo material. Ao adquiri-lo simbolicamente para si, ou seja, ao incuti-lo subjetivamente em seus desejos, o indivíduo passa a conduzir igualmente suas ações objetivas, seja no plano da sua vida social ou na própria dimensão do trabalho. Como um produto dotado de toda a perspicácia de uma sociedade baseada no consumo, o “faça o que você ama” insere-se na subjetividade com o intuito de configurar uma nova materialidade dentro do mercado de trabalho¹⁶.

Ao levar em conta a reciprocidade dessas duas dimensões, o que sugerimos ao final dessa reflexão – em fundamental teórica – é a importância acerca de um debate que incorpore não apenas as relações materiais que dão base a reprodução social do trabalho, mas que também passe a observar de maneira mais intensificada as construções subjetivas a respeito da realidade, com o intuito de buscar desvelar engrenagens muito mais latentes e perversas que contribuem decisivamente para o fortalecimento das formas de exploração do capital dentro das relações de trabalho.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBORNOZ, Suzana. Atração passional, trabalho e educação em O novo mundo industrial e societário (1829), de Charles Fourier. *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*, São Paulo, v. 10, n. 1, p. 1-19, 2007.

ARRAIS, Dani; CASTRO, Bárbara. A armadilha do “faça o que você ama”, 2014. Disponível em: <<http://conte.vc/blog/a-armadilha-do-faca-o-que-voce-ama/>> . Acesso em 16 dez. 2014.

¹⁶ Slavoj Žižek trata dessa relação entre o simbólico e material dentro do capitalismo atual: “compramos mercadorias não pela utilidade ou pelo símbolo de status; compramos para ter a experiência que oferecem, consumimos para tornar a vida prazerosa e significativa.” (Žižek, 2011, p. 53-54)

- BARBOSA, Attila Magno e Silva. O empreendedor de si mesmo e a flexibilização no mundo do trabalho. In: *Revista de Sociologia e Política*, Curitiba, 19,38: 121-140, 2011.
- BARROS, José D'Assunção. Os fanlanstérios e a crítica da sociedade industrial: revisitando Charles Fourier. *Mediações*, Londrina, v. 16, n. 1, p. 239-255, 2011.
- BOLTANSKI, Luc; CHIAPELLO, Ève. *O novo espírito do capitalismo*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- CASTELLS, Manuel. *A Sociedade em Rede*. Volume I. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O Anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia 1*. 2ª ed. São Paulo: Editora 34, 2011.
- FOURIER, Charles. *Le nouveau monde industriel et sociétaire*. Paris: Flammarion, 1973.
- FOUCAULT, Michel. *Nascimento da Biopolítica*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- GUATTARI, Félix. *Micropolítica: cartografias do desejo*. 4ª ed. Petrópolis: Vozes, 1996.
- GUATTARI, Félix. *Revolução Molecular: pulsações políticas do desejo*. 3ª ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.
- HARVEY, David. *Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. 23ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2012.
- MARCUSE, Hebert. Teoria das pulsões e liberdade em Fromm, Erich; Miller, Karl; LEVEBVRE, Henri; MALLET, Serge; MARCUSE, Hebert; *Marcuse polêmico*. Lisboa: Presença, p.101-147, 1969.
- LINHART, Danièle. La emergencia de una «precariedad subjetiva» en los asalariados estables. In: *Crisis y precariedad vital. Trabajo, prácticas sociales y modos de vida em Francia y España*. Benjamín Tejerina, Beatriz Cavia, Sabine Fortino y José Ángel Calderón -(Editores). Valencia: Tirant LO Blanch, 2013.
- MARX, Karl. O fetichismo da mercadoria. In: *O Capital*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, p. 92-105 (Vol. 1), 2004.
- OHNO, Taiichi. *O sistema Toyota de produção: além da produção em larga escala*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- PELBART, Peter Pal. *Vida capital: ensaios de biopolítica*. São Paulo: Iluminuras, 2003.
- SAHLINS, Marshall. *Ilhas de história*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.
- SILVA, Rogério Ramalho da. Home-officer: um surgimento bem sucedido da profissão pós-fordista, uma alternativa positiva para os centros urbanos. *Urbe. Revista Brasileira de Gestão Urbana*, Curitiba, v. 1, n.1, p. 85-94, 2009.
- V. 6, n. 2. p. 191-210, mai./jul. 2017.

SENNETT, Richard. *A corrosão do caráter: as consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo*. 14ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2009.

STANDING, Guy. *O Precariado: a nova classe perigosa*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

ZARIFIAN, Philippe. “Engajamento subjetivo, disciplina e controle”. *Novos Estudos Cebrap*, 64, 2002, p.23-31.

ŽIŽEK, Slavoj. *Primeiro como tragédia, depois como farsa*. São Paulo: Boitempo, 2011.

VÍDEOS

Movimento empreenda: vídeos de inspiração. Vídeo (2min06s). Disponível em: <<http://movimentoempreenda.revistapegn.globo.com/video/2013/05/faca-o-que-voce-ama-068.html>> . Acesso em: 16 dez. 2014.

Steve Jobs. The Biography.com website. Vídeo (3min39s). Disponível em: <<http://www.biography.com/people/steve-jobs-9354805>> . Acesso em: 16 dez. 2014.

Steve Jobs Discurso Stanford Completo e Legendado. Vídeo (14min41s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=s9E6XfjPAMM>> . Acesso em: 16 dez. 2014.

Recebido em: 19 de nov. 2016
Aceito em: 15 de fev. 2017